

CANGAÇO E MEMÓRIA

(CANGAÇO AND MEMORY)

LUITGARDE OLIVEIRA CAVALCANTI BARROS¹

RESUMO

Tem esse estudo o objetivo de analisar as diferentes concepções de memória do cangaço, baseada em imagens vividas, nas impressões do ambiente de combate, passando assim a inserir-se num passado coletivo, na história de seu povo, de seu grupo de referência.

O entendimento antropológico do fenômeno cangaço requer a metodologia de estudo de memória coletiva e individual, através da leitura de documentos, reportagens, livros de memória, teoria da memória e técnicas de história oral.

Em torno de valores como coragem, honra e valentia, se desenvolve a história do cangaço nas três primeiras décadas deste século, no Nordeste. Procuro realizar, através da análise das lutas entre Lampião e seus arquiinimigos Nazarenos uma reconstituição da ideologia e das práticas da sociedade nordestina deste período.

Palavras-chave: cangaço, memória, imagens.

ABSTRACT

This study as its objective to analyze the different concepts of the memory of the cangaço based on living memories and the impressions of the areas of combat, and this merging with the history of the people and using this group as its reference.

The anthropological understanding of the Cangaço phenomenon (a banditry phenomenon that took place in the North-east of Brazil) requires the methodology of study of the collective and individual memory, through the reading of documents, reports, books of memory, memory theory and oral history techniques.

Around values such as courage, honor and bravery, develops the history of Cangaço at the first

three decades of this century, in the North-east. I search, through the analyses of the fights between Lampião and his Nazarenos archenemies a reconstitution of the ideology and practices of the North-east Society of this period.

Keywords: cangaço, memory, images.

INTRODUÇÃO

Processos de cartórios, registros policiais, ordens do dia de quartéis, decretos governamentais, publicações em Diários Oficiais e notícias da imprensa, documentos tradicionalmente utilizados na reconstituição histórica, balizam sem muita polêmica o traçado da geografia do cangaço, o mapa percorrido por Ferreiras e Nazarenos num embate de dezenove anos.

Por razões até hoje não discutidas pelos autores que explicam o cangaço como um *produto do meio áspero e miserável do sertão nordestino*, Lampião e seus lugares-tenentes não atacaram o Piauí nem o Maranhão e aí também não construíram refúgios em suas fugas às perseguições, embora o Piauí possua todas as tradições históricas de povoamento, zona sertaneja de seca como os outros Estados da região.

Enquanto Antônio Dó, o fora-da-lei de Minas Gerais, que sobrevive na memória popular com as mesmas características de saga de Lampião, levou sua luta até o território da Bahia, os cangaceiros que estudo, ao se adentrarem em terras baianas, jamais se aventuraram na zona do sertão mineiro.

Percorrendo o espaço físico da confluência entre Sergipe, Bahia, Pernambuco e Alagoas, Lampião e seus cabras retornaram sempre ao *locus* original. Paraíba e Ceará, por suas fronteiras, pela origem de vários cangaceiros, as brigas com Quelé e Zé Pereira de Princesa, a amizade com muitos poderosos e a existência do

¹ Antropóloga – Professora da UERJ

branças que não foram vividas por ele, tornando-o personagem ou testemunho de fatos jamais vivenciados. Esse comportamento exige do pesquisador registro minucioso dos relatos de cada informante, para a comparação de dados das entrevistas.

Na categoria dos que se colocam explicitamente contra o cangaço, como suas vítimas, amigos e familiares delas ou perseguidores (volantes e familiares), fenômeno idêntico de seleção de lembranças também se verifica, porém na direção inversa. Diferentemente do que afirmam os simpatizantes, Lampião, Corisco, Zé Baiano e Sabino são o protótipo do cangaceiro, modelo de toda perversidade humana. Logo, não há diferenciação entre Lampião e o restante dos grupos.

Seus relatos são a história de milhares de homens que entraram nas forças do governo para se defenderem das barbaridades dos cangaceiros e poderem perseguí-los em nome da lei. Vingando a honra de mulheres da família estupradas e parentes assassinados pelos cangaceiros, nos sete Estados onde atuaram Lampião e seus bandos, sertanejos pobres e remediados sentaram praça na polícia ou entraram *pra se esbagaçar nas volante até não sobrar um só cangacêro nas catinga*. (4)

As imagens predominantes sobre o cangaço na memória desses informantes são de destruição, fome, morte, desespero e ódio. Muito ódio e uma disposição para a guerra sem trégua (entre os que lutaram) e uma dor irremediável entre as vítimas passivas como os homens castrados e as mulheres estupradas ou marcadas a ferro. Entrevistar esses últimos é um trabalho doloroso, o de fazê-los evocarem imagens de pavor, desalento e impotência, mas, principalmente reviver sentimentos de injustiça, da gratuidade da violência sofrida, que os identificou no corpo e na memória individual e coletiva por marcas que o tempo não esmaeceu.

Em Pão de Açúcar - Alagoas, envergonhada, contemplando a dor explícita; de uma mulher ferrada por Zé Baiano em Canindé - Sergipe, penso no terror impotente de um povoado miserável de sertanejos desarmados, entregues à sanha de oitenta cangaceiros armados. A mulher me olha, fecha os olhos, mostra o lado da cicatriz do rosto e fala: *O bandido fez isso! Eu era novinha!* (4a) Toda a imagem do ferro em brasa está presente como se os gritos ainda ecoassem na beira do São Francisco e o povo desesperado ainda se debatesse sob as torturas do bando.

Refletindo sobre a impotência daquele povo dominado pelos cangaceiros, entendo aquela dor, sentimento já apaziguado no semblante de seu Manuel Aquino, um informante de Alagoas. Contando sua luta contra o cangaço, aos 85 anos, é um homem calmo, de fala doce, em paz com a vida. Para vingar o pai morto pelo cangaceiro Português com dois cabras, tornou-se

batedor da volante de Lucena ainda adolescente, enquanto dois irmãos sentaram praça na polícia. Um tio dele também era voluntário nas volantes de Lucena, além da ajuda que a família deu ao tenente Higino, tenente Arlindo, tenente Luís Mariano, e aos Nazarenos, quando passavam em Alagoas. Mortos os três cangaceiros visados, depois da morte de Lampião seu Manuel Aquino voltou para Riacho Grande, onde vive até hoje, cuidando da propriedade do pai, tendo comprado as partes dos irmãos que permaneceram na polícia.

Os ferrados, castrados e mutilados pelo cangaço fazem esforço para viver um presente marcado idelevelmente pela memória física da violência. A evocação das lembranças, desencadeada pela entrevista, evidencia acima de tudo a dor. E como escreve Bergson, *Toda dor consiste portanto num esforço, e num esforço impotente*. (5)

Profunda convicção permeia o discurso dos inimigos do cangaço, vivos até hoje, ou seus descendentes.

Eu nunca me misturei com bandido, nunca tive conluio com ladrão, malfeitor, miserável que mata pra roubar!!! (6)

Lampião nunca enfrentou meu pai! Nunca existiu ninguém que tenha levantado suspeita de proteção dele a cangaceiro. Depois da morte dos cangaceiros muito policial ficou rico; meu pai recusou até o prêmio que o governo do Estado deu aos comandantes de tropa. Passou a vida toda na catinga perseguindo bandido e dizia que lutou sempre no cumprimento do dever! (7)

Lembrando-se do passado, os mais velhos se referem aos antigos aliados de combate sempre com expressões: *Era um homem de bem!*

Indivíduo de sangue no olho! Sujeito valente, mas do respeito!. Em Alagoas, louvando a honra e a coragem do coronel Lucena, amigos e inimigos apontam-lhe um defeito grave, responsável, segundo seus julgamentos, por muitas injustiças: *Lucena tinha um grave defeito - era homem de primeira informação!*

Nessa categoria de informantes também a memória é coletiva, dando-se uma verdadeira disputa de lembranças de batalhas e episódios heróicos, para se saber quem foi mais valente e destemido. Cada combatente carrega suas imagens de lutas e sofrimentos, como no passado o tenente Arlindo, um desses volantes cujos descendentes entrevistei, percorreu catingas e povoados carregando com naturalidade sua infieira de orelhas salgadas de cangaceiros.

Essa imagem, longe de desencadear os sentimentos que sobressaltaram minha infância em Alagoas, dá muito orgulho a alguns entrevistados conhecidos do tenente e despertaram vaidade em muitas pessoas jovens, conhecedoras do episódio, quando o relatei numa sala

Juazeiro do Padre Cícero eram, no imaginário das facções em combate, extensões de suas marchas, campos de saque, de repouso ou de batalhas sangrentas.

O Rio Grande do Norte, sétimo Estado nordestino desse mapa, é outro que, embora descrito com todas as características geoclimáticas do restante do Nordeste, é atípico na relação com o cangaço. A memória local sobre Lampião dá-lhe uma só classificação: bandido, inimigo. Sua presença no Estado foi rechaçada, não encontrando aí grandes protetores.

Falo de memória local no sentido de memória coletiva na concepção de Pierre Nora, *o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado*. (1)

O imaginário popular neste Estado tem em Jesuíno Brilhante a personificação de um código, de um modelo que poderia ser seguido por elemento de qualquer classe social. Como personagem mítico, ele encarna os componentes do ethos de um povo; no caso sertanejo, valentia, honra, bondade e proteção aos fracos. Todo riograndense que se preza conhece o exemplo cantado em versos e contado nas histórias dos antigos: na seca de 1877, quando milhares de pessoas morriam de fome, aquele bravo que enfrentava a polícia para plantar a justiça no sertão, assalta um carregamento de comida e distribui entre os flagelados da seca. Na memória coletiva, filho do Rio Grande do Norte, Jesuíno Brilhante pedia quando tinha fome, sem jamais usar a força para *roubar o produto do suor alheio*. Implacável com os inimigos (no imaginário popular, bandidos perversos), destemido nos confrontos, simboliza o herói respeitador dos códigos da cultura de seu povo, caráter sem jaça, orgulho da honra sertaneja.

Diferentemente da memória coletiva baseada em imagens vividas, nas impressões do ambiente de combate ao cangaço que dominava o Rio Grande do Norte da época de Lampião, hoje um grupo de intelectuais organiza uma sociedade de estudos do tema que não encontra receptividade na população. Apresento outro exemplo, muito explorado pela imprensa sensacionalista nas décadas de 70 e 80, que teria sido uma romaria de populares muito pobres de Mossoró ao túmulo do cangaceiro Jararaca (do grupo de Lampião), mostrado como milagroso. Apesar do escândalo da mídia local, o movimento, não surgindo do enraizamento na paixão popular pelo cangaceirismo de Lampião, teve a vida efêmera dos furos jornalísticos.

Trabalho com memória na perspectiva de Henri Bergson, no sentido de lembranças, principalmente sob a força das imagens, como ele desenvolve no livro *Matéria e Memória*. Estabelecendo uma relação entre o corpo e os objetos que o cercam, afirma: *Os objetos que cercam um corpo refletem a ação possível de meu corpo sobre eles* (2). Conseqüência dessa

relação, os objetos, os acontecimentos, enfim as coisas não são percebidas da mesma forma por todas as pessoas. Segundo esse autor *A percepção, tal como a entendemos, mede nossa ação possível sobre as coisas e por isso, inversamente, a ação possível das coisas sobre nós*. (3)

Numa análise baseada em memória escrita e falada, como a que desenvolvo, o confronto dos depoimentos evidencia a justeza do raciocínio de Bergson. As lembranças evocadas por ex-cangaceiros, seus familiares, amigos e protetores, trazem imagens destacadas da maldade da polícia e das volantes. Nessa categoria de informantes, aqueles cuja memória se baseia em lembranças de imagens vividas, separam Corisco, Zé Baiano e Sabino como *sujeitos perversos e uns perdido de deus*, identificando os demais cangaceiros numa categoria de vítimas de injustiças, gente que fugia das misérias da polícia, ou pessoas tragadas pela sorte ruim, muitas até inocentes que entraram no cangaço muito jovens, por espírito de aventura, e depois, *já com a vida estragada, não tendo mais o que fazer, era o jeito ficar no grupo até à morte. Fazer o que, já marcado pelas volantes, cheio de inimigo?*

Desde a morte de Lampião muitas décadas haviam transcorrido quando entrevistei pessoas ligadas ao cangaço. Suas memórias individuais, na articulação do discurso, estavam depuradas das imagens que pudessem comprometê-las. Sobreviventes de anos e anos de perseguições, silêncios e simulações, muitos leram os depoimentos publicados por chefes volantes como Optato Gueiros, João Bezerra e, acima de tudo, são incentivados por farta literatura simpatizante do cangaço, escrita por descendentes de antigos protetores e muitos intelectuais distanciados dos depoimentos das vítimas, dos inimigos dos cangaceiros e próximos de filhos e netos de poderosos beneficiados pela partilha dos saques de Lampião.

Como evidenciava Maurice Halbwachs ao afirmar que toda memória é coletiva, já não há memória individual daquele passado. Pouco a pouco os que se identificavam ao lado do cangaço socializaram as lembranças do prazer sentido pela valentia de Lampião, pela vingança contra este ou aquele soldado perverso, morto pelos cangaceiros. Em cidades como Piranhas em Alagoas, os informantes já repetiram tantas vezes suas versões para jornalistas, escritores e cinegrafistas, e ouviram tantas vezes as histórias do cangaço, que se faz necessário um rigor muito grande na checagem das informações, fazendo cruzamento de depoimentos das pessoas em momentos diferentes e comparando-os com as declarações de outros informantes sobre os mesmos acontecimentos.

Através dos diferentes relatos, acontece às vezes de um informante acrescentar às suas memórias lem-

de aula em Barbalha, sul do Ceará. Ali estavam descendentes de vários homens que lutaram contra o cangaço, muitos até ligados hoje por relações de parentesco, tal a identidade que se estabeleceu entre os avós, gerando casamentos entre filhos e também entre netos dos antigos companheiros de combate.

Enquanto alguns descendentes de cangaceiros silenciam sobre as atividades dos ancestrais fora-da-lei, tenho observado o orgulho com que muitas pessoas se apresentam como parentes deste ou daquele inimigo de cangaceiro. Caso exemplar desse tipo de percepção do cangaço como miséria e desonra é um critério de identidade reivindicado no Rio Grande do Norte, como o do povo que não teve medo de cangaceiro, homens que botaram Lampião pra correr, autoridades que não comeram dinheiro de bandido.

Em 1974 em Mossoró, escutei de um gabola dono de bodega:

Minha senhora, no Rio Grande do Norte cabra ruim só dança pulando debaixo de bala!! A senhora não sabe o que nós fizemos com Lampião aqui dentro de Mossoró? Ele podia ser o rei do sertão, lá por onde não tinha homem do Rio Grande do Norte!

Pela idade era óbvio que ele não participara da resistência ao ataque de Lampião a Mossoró em 1927. Mas já construía sua memória com as lembranças dos mais velhos, inserindo-se num passado coletivo, na história de seu povo, de seu grupo de referência.

No que concerne à memória escrita, privilegiei o uso dos três livros já citados como principais referências sobre Ferreiras e Nazarenos. Dois deles, *O canto do Acauã* e *Memórias de Um Soldado de Volante*, são depoimentos de gente de Nazaré, das famílias Flor e Jurubeba. O terceiro, *Lampião Além da Versão*, foi escolhido porque seu autor - Alcino Alves Costa, tem imenso orgulho de ser sobrinho do cangaceiro Zabelê e de ter nascido em Poço Redondo, segundo ele, *a capital mundial do cangaço*, por ter sido o local do Brasil que forneceu maior número de cangaceiros para o bando de Lampião.

Não tendo vivido o tempo de esquecimento e de disfarce do passado de cangaceiro ou coiteiro, Alcino encarna a memória anti-volante, anti-injustiça, com a mesma convicção da perspectiva anti-cangaceira dos depoimentos dos Nazarenos.

Toda sua vida o autor dedicou à pesquisa, sendo amigo de velhos cangaceiros, fotografando-os e a seus familiares, levantando a vida de cada um, com muito respeito a seus sentimentos. Grande admirador da coragem e da bravura dos sertanejos, sente muita piedade das vítimas da violência, vinda da polícia ou dos cangaceiros. Na intimidade mais profunda dos iguais, registrou a tragédia do povo mais pobre, dos elementos

mais obscuros do município de Poço Redondo - Estado de Sergipe, a partir do dia 19 de abril de 1928, quando Lampião entrou com o grupo pela primeira vez no povoado. Seu livro é a história da transformação de um povo sob o domínio dos grupos de Lampião e das perseguições das volantes. É a memória do cangaço em Sergipe, do lado cangaceiro e dos coiteiros - empregados dos grandes protetores de Lampião.

Em sua casa conheci e entrevistei gente do cangaço como a velha cangaceira Dila e a sobrinha do cangaceiro Sabiá. A familiaridade de Alcino com seu objeto de estudo é tanta que ele me apresentou Marizete Alves dos Santos,

sobrinha de João Alves dos Santos - João Preto, o maior vaqueiro que o Nordeste já teve até hoje! Quando ele entrou no bando recebeu o nome de Sabiá. Nesse dia que ele ia pro bando foi cantando essa música que Marizete vai cantar, que ela é sobrinha de João Preto. João Preto era irmão da mãe dela, Maria das Dores.

Zabelê, irmão de sua mãe, era poeta repentista, mesmo na vida de cangaceiro. Conseguindo fugir do cerco de Angicos, escapa com dois amigos. A mãe de Alcino foi procurar o irmão no Piauí, não o encontrando. Depois de 1938 nunca mais tiveram notícia dele.

Vivendo sempre entre sua gente, o autor não esconde o passado familiar, não anda armado, é um poeta que canta a coragem, engrandecendo nos mesmos versos a valentia de Lampião e de Odilon Flor. No seu panteão de heróis, Ferreiras e Nazarenos são honra sertaneja, enquanto o cangaceiro ferrador Zé Baiano e o sargento De Luz, da polícia sergipana, encarnam todo o mal que a perversidade humana engendra.

As entrevistas colhidas em Sergipe, Alagoas, Bahia, Ceará e Pernambuco, a extensa bibliografia existente, a leitura de documentos e notícias de imprensa constituem o material utilizado neste trabalho perpassado pela experiência pessoal de vida sertaneja até os vinte anos de idade. Também o livro de Frederico Pernambucano de Melo - *Guerreiros do Sol*, o mais completo do ponto de vista de dados sobre valentões do Nordeste, é muito utilizado neste trabalho onde procuro traçar os perfis, tirar do imaginário popular e trazer à discussão acadêmica os personagens tema e título desta tese.

Os Nazarenos deixaram memória escrita. Com o fim do cangaço Manuel Flor viveu bastante, com tempo para aprimorar os conhecimentos e escrever cadernos de memória onde registrou suas impressões sobre a campanha nas catingas, derrotas e vitórias, num apelo pungente desdobrado por sua filha, Marilourdes Ferraz, no livro *O Canto do Acauã*.

O título é simbólico, explicitando o conteúdo da narrativa, já que a acauã é o pássaro agourento,

aquele que anuncia aos espíritos crentes dos sertanejos a chegada da seca com as desgraças que se abateirão sobre os homens. Não tive acesso aos cadernos do combatente Manuel de Souza Ferraz - Manuel Flor. Do depoimento original, Marilourdes Ferraz transcreve na íntegra o trecho:

... Os sertanejos tiveram que, praticamente sós, iniciar e manter por longo período o combate a mais um dos flagelos que tão freqüentemente os assolaram, enfrentando carência de abastecimento, munições e armamentos, às vezes comprados com seus soldos.

As forças que combatiam o cangaço se compunham de unidades móveis denominadas "volantes", as quais realizaram verdadeira epopéia, anos a fio, em esgotantes travessias do sertão de vários Estados nordestinos.

Certamente houve atos impensados por parte de policiais, mas não foram comuns e geralmente ocasionados pelas contingências da luta. A dureza da campanha e as condições em que se desenrolaram os combates podem explicar algumas dessas atitudes. Não se pode esquecer o indescritível desgaste físico provocado pelas marchas prolongadas e pelas emboscadas associadas à sede e à fome no semi-deserto sertanejo. A enorme dedicação dos soldados visava a que seus contemporâneos um dia usufríssem da tranqüilidade desejada. Muitos moços perderam a vida, outros a saúde física e mental; os verdes anos da juventude foram irremediavelmente gastos na luta. Apesar de tudo o que se diz, as pessoas de bem tinham confiança na atuação dos policiais. (8)

O grifo serve para marcar uma expressão já bastante utilizada em páginas anteriores, caracterizando a perspectiva antropológica desta análise, em oposição ao conceito de história desenvolvido por Maurice Halbwachs no livro *A Memória Coletiva*. Para ele a história parece

esperar que os antigos grupos desapareçam, que seus pensamentos e sua memória se tenham desvanecido, para que ela se preocupe em fixar a imagem e a ordem de sucessão dos fatos que agora é a única capaz de conservar. Sem dúvida, é preciso então apoiar-se em depoimentos antigos cujo rastro subsiste nos textos oficiais, jornais da época, nas memórias escritas pelos contemporâneos. Mas na escolha que deles faz, na importância que lhes atribui, o historiador se deixa guiar por razões que não têm nada a ver com a opinião de então, por que esta opinião não existe mais; não somos obrigados a levá-la em conta, não se tem medo que ela venha se chocar com um desmentido". (9)

Contrariamente a essa perspectiva, este trabalho é a tentativa de resgate do clima sertanejo da época das

lutas entre Ferreiras e Nazarenos, com o choque de opiniões entre adeptos e inimigos do cangaço, desenvolvido num cenário típico hoje quase desaparecido sob o impacto massivo dos modelos difundidos pela mídia criadora de tipos sertanejos impostos como protótipos dos personagens históricos.

A frase grifada no depoimento de Manuel Flor foi a expressão de um código de honra que, diferentemente de coragem e valentia, comuns aos dois grupos em confronto, permaneceu inacessível à categoria dos cangaceiros, jamais identificados como *homens de bem*, mesmo por seus mais ardorosos simpatizantes.

Em contraposição ao depoimento de Manuel Flor, transcrevo Alcino Alves Costa:

Provas claras evidenciam os desmandos dos macacos. Estes, em vez de procurarem manter a ordem e a garantia social daquele povo, outros não eram senão agentes da baderna e do desrespeito ao ser humano. É verdade incontestável, o cangaceiro e o soldado eram farinha do mesmo saco, iguais em tudo: na coragem, na valentia, na perversidade e nos mesquinhos procedimentos, todos com a mesma sanha assassina.

É uma tola ingenuidade pensar-se que volante caçava bandido para dar paz e sossego ao sertão, para garantir as vidas e as famílias, ou dar fim ao tenebroso sofrer. Não. Puro e ledó engano. Nunca uma volante, mesmo aquelas que conseguiram nome e fama, seguiram, resolutas e destemerosas, apenas pelo altruísmo de bem servir à comunidade sertaneja. Algumas volantes não caçavam bandidos pensando em acabar com os males que eles traziam, mas apenas com a finalidade de saquear-lhes os pertences e ganharem celebridades e divisas. Outras fingiam perseguir cangaceiros quando, na verdade, ali estavam para maltratar os sertanejos e receberem polpudas quantias de Lampião e sua grei. E outros ainda, sentavam praça na polícia para poder enfrentar, do lado da lei, antigos desafetos engajados no cangaço. (10)

Até o termo *macaco*, cuspidos pelos cangaceiros para designar os soldados, compõe o discurso legitimador do cangaço, a base, para usar expressão de Frederico Pernambucano de Melo, de seu *escudo ético*, uma vez que muitos cangaceiros explicavam sua presença no bando como uma forma de vingança contra injustiças sofridas por parte da polícia.

O termo *volante*, como aparece nos dois depoimentos transcritos, mostrando o confronto de concepções dos memorialistas, revive um embate vivido durante vinte anos pelos grupos em combate, escudados por seus valores, pelas percepções de seu próprio mundo.

Iguais na produção da vida material, diferenciados na ordenação e no rearranjo de valores dos códigos

culturais, Ferreiras e Nazarenos representam, alegoricamente, as transformações vividas pela sociedade sertaneja no período recortado, espaço e tempo do palco de suas lutas.

Considerando a intencionalidade dos agentes sociais, muitos elementos devem ser considerados no estudo da guerra que sacudiu o sertão nesse período. A corrupção de policiais em promiscuidade com os cangaceiros, a presença nas tropas de homens que ali se encontravam por não terem recursos próprios para combaterem o cangaço, os protetores - a serem diferenciados dos coiteiros, os militares de carreira que foram incorruptíveis no combate ao cangaço, são variáveis importantes para o entendimento da luta, sua duração e forma de desfecho.

NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - Citado por Jacques Le Goff in *História e Memória*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994, p. 472.
- 2 - BERGSON, Henri - *Matéria e Memória. Ensaio sobre a Relação do corpo com o Espírito*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, Ed. 1990, p. 12.
- 3 - *Ibid*, p. 41.
- 4 - José Maximiliano do Nascimento, falando sobre um companheiro da volante de Lucena, que jurou vingar o pai, morto por um cangaceiro.
- 4a - Em 1967 em casa de José Vicente, em Pão de Açúcar, fui apresentada a uma senhora Anísia,

marcada a ferro. Ela passava na cidade e fora visitar José Vicente.

- 5 - BERGSON, H. *Ibid*, p. 41.
 - 6 - Pedro Agra - Muitas vezes delegado em Santana do Ipanema, teve um irmão - Nenen Soares (Manuel Soares Agra), morto pelos cangaceiros. Entrevista concedida no dia 23 de julho de 1990, aos 95 anos de idade, em sua casa na Rua Benedito Mello - Santana do Ipanema, Alagoas.
 - 7 - Wilson Lucena Maranhão - filho do Coronel José Lucena de Albuquerque Maranhão, comandante do 2º Batalhão da Polícia Militar de Alagoas, encarregado do combate ao cangaço. Entrevistas concedidas em 21, 22 e 23/07/1992.
 - 8 - FERRAZ, Marilourdes - *O Canto do Acauã*. Recife: Editora Rodovalho de Guias Especiais Ltda., 1985, p. 13, 14. Os grifos são da autora.
 - 9 - HALBWACHS, Maurice - *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice Editora, Revista dos Tribunais, 1990, p. 109.
 - 10 - COSTA, Alcino Alves - "*Lampião além da Versão - Mentiras e Mistérios de Angicos*". Aracaju, Sergipe, Sociedade Editorial de Sergipe / Secretaria do Estado da Cultura de SE, 1996, p. 91, 92.
- Observação: Este artigo é o primeiro capítulo de minha Tese de Doutorado em Ciências Sociais, sob o título A DERRADEIRA GESTA: LAMPIÃO E NAZARENOS GUERREANDO NO SERTÃO, defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em maio de 1997.